

TAMBORO – UMA SUÍTE BRASILEIRA

A obra pequena mas forte de Sergio Bernardes Filho (1944-2007) começou a ser melhor conhecida no ano passado com o lançamento do DVD de *Desesperaço* (1968), acompanhado de dois curtas. Mas seu outro longa-metragem, o impactante *Tamboro*, que ele deixou editado ao morrer, continua restrito ao circuito de mostras e festivais, no qual já ganhou um Prêmio Especial do Júri e melhor montagem no Festival do Rio, entre outros. Exigências burocráticas o têm impedido de adquirir o Certificado de Produto Brasileiro para ser lançado em cinemas, luta na qual a viúva Rosa Bernardes se empenha há alguns anos.

Tamboro pode ser chamado de um grande clipe sobre o Brasil, se quisermos reduzi-lo a sua forma dominante: imagens extraordinárias da natureza, das cidades e das gentes brasileiras, editadas como um mosaico, uma suíte embalada por ruídos, vozes, músicas e a belíssima trilha sonora original de Guilherme Vaz. Ora vertiginoso, ora sedutoramente envolvente, o ritmo do filme nos coloca no centro de um caleidoscópio, com o país se esparramando por todos os lados.

Muitas daquelas imagens foram captadas para o projeto Via Brasil, iniciado em 1996 pela Acesa Produções com patrocínio da Fundação Banco do Brasil e apoio direto da presidência da República. O empreendimento consistia em filmar os pontos mais notáveis de todo o território nacional, incluindo alguns "inatingíveis" como o Monte Roraima. Com direção de fotografia a cargo de Lula Araújo, lugares como os Lençóis Maranhenses e a selva amazônica surgem na tela em enquadramentos estonteantes, sejam rasantes a éreos, balés de *steadicam* ou microcâmeras que parecem voar com autonomia.

Tudo é movimento em *Tamboro*. Movimentos de câmera, movimentos de edição e movimentos de ideias. O painel holístico vez por outra quebra seu código documental para



incorporar performances e encenações, feitas especialmente para o filme. É o caso de um almoço chique numa favela ou uma sequência de incrível ferocidade sobre a captura e contrabando de animais silvestres. Aqui Sergio Bernardes insere, em meio a o maravilhoso, um duro olhar crítico sobre a realidade brasileira. O contraste brusco e retórico comanda diversos momentos do filme. Quando corta do voo sobre a Avenida Paulista para um *canyon* barrento no norte do país, ou da multidão em Aparecida do Norte para um Maracanã lotado, o comentário se limita ao âmbito das formas. Mas quando passa de uma sucessão de árvores majestosas para um caminhão carregado de motosserras, Sergio Bernardes provoca no espectador um choque superior a qualquer discurso preservacionista formal. Da mesma maneira, ao cortar de um grupo aguerrido de agricultores do MST para uma cena de malhação de Judas em outro contexto, é uma associação mais polêmica e política que se estabelece.

Curtos depoimentos de Leonardo Boff, Hermeto Pascoal, Ailton Krenak e outros ajudam a fornecer sentido para a pletora de imagens, tentando sintetizar anotações sobre o Brasil. Mas o viés social de *Tamboro* tem que conviver com uma atração visceral pelo exótico. A formação de um banco de imagens, que está na base do trabalho, responde pela busca do excepcional, do grandioso e do pitoresco. Sucedem-se, então, índios, repentistas, folguedos, onças, famílias sertanejas posando para a câmera, igrejas se abrindo em cascata, cataratas, rodas de samba, *hip hop*... Tudo cabe se tem som e fúria para despejar diante do espectador extasiado.

A palavra tamboro significa "para todos, sem exceção" na língua dos ingaricó, povo indígena de Roraima. Ela exprime o desejo de Sergio Bernardes de que todos os brasileiros conhecessem sua visão particular de nossa terra. Quem sabe isso chegue um dia a acontecer.